

BRINCADEIRA OU LAZER: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO

PLAY OR LEISURE: AN ANTHROPOLOGICAL VIEW

Jane Felipe Beltrão¹

RESUMO: Busca-se compreender as noções de brincadeira e de lazer a partir da Antropologia, utilizando, como recurso de apresentação, a multiplicidade de formas de brincar no cenário urbano em Belém-Pará. Discute-se brincadeira, enquanto conceito nativo preñado de significados, em contraponto a lazer, noção acadêmica, que norteia formulação de políticas públicas voltadas para a "produção do lazer". Faz-se um contraponto entre situações empíricas e registros encontrados na literatura antropológica, tendo a Amazônia como referência. Brincadeira e lazer são tomados como "fazer humano", cultura compreendida em seu sentido mais amplo, experiência vivida em tempo e espaço construídos historicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeira, Entretenimento, Diversão, Lazer, Cultura

A PROPÓSITO DA DISCUSSÃO

Brincadeira é o termo nativo² que mais se aproxima da noção acadêmica lazer. Em sentido amplo, ambas indicam a possibilidade de interromper a rotina quotidiana e desfrutar "o direito à preguiça", como ensina Lafargue (1999). Antes da década de 70 do século XX, mesmo com dificuldades, usufruía-se das brincadeiras. Hoje, a situação inverteu-se. Brincar ganha outras conotações. A exclusão produzida pelo crescente desemprego (CHAUI, 1999) e a formulação de políticas públicas voltadas para "produção do lazer" (MARCELLINO, 2001) modificam o quadro onde se inscreve a brincadeira.

Mas afinal o que é brincadeira? É o popular entretém, termo bastante utilizado na Amazônia quando se solicita a alguém que entretenha uma criança. É comum ouvir: - "Maria, enterte este menino!"³ - significando brincar, entreter, manter ocupado com coisas que dizem respeito à infância: contar histórias, brincar de roda, jogar peteca (bola de gude) empinar papagaio (pipa, pandorga), entre tantas

1 Docente do Departamento de Antropologia (DEAN) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

2 No sentido de expressão/conceito utilizado pelo informante do antropólogo. Originalmente, nativo estava associado aos povos aborígenes, autóctones, originários de um determinado lugar, confundindo-se no caso brasileiro com sociedades indígenas.

3 Por ter a Amazônia como referência, mantenho as expressões nativas. Não introduzo correções gramaticais ao português para não perder a eloquência.

outras opções.⁴ Talvez, ao interrogar alguém sobre o assunto, o informante tenha dificuldade de definir o termo, mas não terá dificuldade alguma em enumerar as brincadeiras. Entre adultos a expressão se mantém; algumas vezes emprega-se divertir. Brinca-se ou diverte-se quando se conversa à soleira das portas ou no bar da esquina; se dança no forró, no arrasta-pé ou no brega; se vai aos ofícios religiosos encontrar os amigos, participar da procissão, assistir ao batuque; se vai à praça, ao cinema, à arena, ao estádio, ao circo; enfim quando se "mata o tempo" em busca de se distrair e de espairecer. A brincadeira é o correspondente nativo de lazer, é o lazer na perspectiva do especialista popular.⁵

É importante registrar que a expressão nativa brincadeira, tanto quanto a definição acadêmica de lazer esbarram numa querela de definições, como quer Dumazedier (1979), ou numa festa de conceitos (VIANNA, 1997). Brincadeira não é uma categoria rígida, tão pouco uma categoria definida de comportamento.⁶ Ao usar a expressão, ela pode referir-se à brincadeira em si, ou mesmo ao trabalho profissional que, apesar da contradição, pode ser prazeroso. Prosseguindo, vê-se que ela abrange uma gama enorme de situações passando, inclusive, por obrigações, como dar cumprimento às obrigações familiares (visitar parentes), ir a ofícios religiosos, espaço de sociabilidade onde se encontram os amigos. Brincadeira é o termo usado para indicar interrupções na faina diária, pequenas ou longas, mas faina não indica necessariamente trabalho, pode ser estudo ou, até mesmo, a interrupção da brincadeira, pois "João fogueteiro" cansa e, em meio à festa, pára a fim de tomar um gole de cachaça ou dar um dedo de prosa com os amigos. Afinal brincadeira diverte, mas cansa!

Observa-se que o conceito nativo brincadeira, usado originalmente pelos falantes da língua portuguesa na Amazônia se estendeu. Os falantes de línguas indígenas, como os Gavião Parkatêjê⁷ ou os Suruí Aikewára⁸ usam brincadeira tanto para referir-se aos jogos de flecha praticados diariamente na aldeia (no caso dos Jê), como aos rituais e às festas que celebram de acordo com suas tradições. E, ao referir-se

4 Evita-se enumeração exaustiva, embora os exemplos sejam muitos. Para compreender as conotações de brincadeira, inclusive as noções populares, conferir Azevedo (1983).

5 Assim como nas secretarias de cultura temos o animador cultural, nos bairros encontramos o especialista popular em brincadeiras que podem chamar-se: João fogueteiro, puxador de ladainha, cantador de carimbó entre tantos outros especialistas. Uso das formulações de Lévi-Strauss para compreender a lógica e a classificação dos nativos. Sobre o assunto consultar Levi-strauss (1970).

6 Na concepção do folclore, brincadeira é "entretenimento, acompanhado ou não de melodia ou coreografia." Sobre o assunto, consultar Cascudo (2000).

7 Sociedade indígena Jê que habita a Reserva Indígena Mãe Maria, no sudeste do Pará, na região do rio Tocantins, falante de língua filiada ao tronco macro-jê, cuja saga de convivência com os brancos data dos idos da década de 40 do século XX. Para informações atualizadas sobre o grupo, recorrer a RICARDO (2000).

8 Sociedade indígena Tupi que habita a Área Indígena Sororó, no sudeste do Pará, na região da bacia hidrográfica do Araguaia-Tocantins, falante de língua filiada ao tronco Tupi-Guarani, cuja saga de convivência com os brancos foi traumática em função da Guerrilha do Araguaia ocorrida na década de 70 do século XX. Para informações atualizadas sobre o grupo, recorrer a Ricardo (2000).

aos não indígenas, falam em brincadeira de branco para nomear as festas de branco. Talvez, muito cedo os membros de ambos os grupos tenham aprendido que interrupção da rotina, em português, é sempre sinônimo de brincadeira. Ou empregam o termo na expectativa de diminuir a carga de desconhecimento e preconceito dos brancos em relação aos seus costumes, quem sabe através da brincadeira os brancos os vejam menos exóticos e mais próximos da humanidade que, em princípio, lhes é negada.⁹

Não são poucos os antropólogos que fornecem informações sobre a brincadeira ou o brincar em sociedades indígenas. As referências e os cuidados para coletar dados etnográficos se fazem presentes nos manuais antropológicos, desde a elaboração do *Notes and Queries on Anthropology* (ROYAL...1971), e os resultados são encontrados nos itens denominados festas e rituais, classes de idades, esportes e jogos, ou brinquedos nas monografias clássicas da etnologia brasileira, como o faz Curt Nimuendajú (1956) ao falar sobre os Apinayé:

[o]s meninos Apinayé não possuem nenhuma organização como a que têm a dos Ramkókamekra e Xerénte. Por conseguinte também não fazem corridas de toras, e nunca os vi jogar em conjunto outra coisa a não ser peteca de palha de milho. Vêm-se poucos brinquedos em suas mãos, sendo o mais comum, do quinto ano em diante, o arco e a flecha. Os maiores de dez anos, se reúnem às vezes para exercitarem-se na rua da aldeia em escorregar flechas pelo chão; aquele cuja flecha escorrega mais longe, ganha todas as flechas que ficam para traz. Os demais brinquedos são quase os mesmos dos Xerénte; a roda sonante (corrupio), o brinquedo de Cão, cuja corda entre os Apinayé tem um cabo de pau, o pião sonante, um pequeno pião de noz de tucum, figuras de pássaros e outros brinquedos de tiras de palha, figuras de fio armadas entre os dedos das mãos e pequenas figuras de cêra, representando animais e gente. Falta-lhes o arco sonante dos Xerénte. (1956, p.84)

A situação descrita por Nimuendajú, além de informar sobre os Apinayé, oferece pistas sobre outras sociedades Jê. O antropólogo refere, também, as meninas Apinayé, anotando que:

... não possuem bonecas e, por conseguinte, também poucos "trens" de brinquedo. Brincam com uma pequena abobora alongada e, são tão felizes com esse "filinho" como suas companheiras de idade entre os Ramkókamekra-Canelas, com suas bonecas de talo de buriti. Não conhecem o balanço, mas havia no campo atrás da aldeia Bacaba, uma árvore fina e elástica, na qual trepavam a uma altura de três metros

⁹ Sobre as brincadeiras entre os Surui Aikewára, consultar MASTOP-LIMA (2002).

e depois de vergá-la com o peso do corpo, nela penduravam-se com as mãos e, dando forte impulso com os pés no chão, eram impelidas para cima com o repucho da árvore. (1956, p.84)

As brincadeiras descritas por Nimuendajú dizem respeito a um contexto específico, no qual, inclusive, refere o estreito laço que une as avós maternas e os netos, posto que, muitas vezes, esta mulher que, por ocasião do nascimento, foi parteira e curadora do neto, transforma-se em guardiã e responsável pela socialização do neto. Tanto que, em um cesto conserva o cordão umbilical da criança, bem como os pertences que fazem parte da memória de infância do neto. É interessante refletir na relação brincadeira/universo cultural (DUMAZEDIER, 1976). A brincadeira não aparece como um momento sem expressão, mas uma interrupção que compõe o cenário das relações sociais, forjando sociabilidades, indicando a socialização dos mais jovens, reforçando a convivência de acordo com a classe de idade. A relação encontrada nas sociedades indígenas tem expressão em nossa sociedade, onde a brincadeira está visceralmente ligada ao contexto social de ocorrência. As informações recorrentes sobre as sociedades indígenas nos fazem refletir sobre o fato de, mesmo em nossa sociedade, os adultos, dependendo da classe social a que pertencem, não manifestam tanta ansiedade de transmitir, seja o que for, às crianças. A onipresença das crianças pelos quatro cantos da casa, da aldeia, da rua, da praça, entre tantos outros espaços destinados às brincadeiras, aponta a grande permissividade dos adultos aos seus comportamentos (SILVA; MACEDO; NUNES, 2002). Da mesma forma, verifica-se convivência de todos em relação aos adultos que brincam, mesmo quando as normas quotidianas são quebradas.

Considerando que o âmago da Antropologia ou a tarefa do antropólogo é constituída pelo trabalho de campo, através do qual tenta-se compreender e explicar o modo de vida de um determinado grupo, aqui, busca-se entender a brincadeira, a partir de casos exemplares.

A ORLA JURUNAS/CONDOR, UM CENÁRIO PARA BRINCADEIRAS

A orla Jurunas/Condor é sui generis, pois difere de outras orlas. O rio Guamá não pode ser visto, a não ser entre nesgas e becos, revelando a ausência de infra-estrutura dos bairros nas imediações da ribeira, espaço entre o rio e a cidade de Belém (Pará) no qual vivem e transitam, todos os dias, milhares de pessoas, estendendo-se da rua Cesário Alvim (Jurunas) até a rua José Bonifácio (Condor). A orla é denominada avenida Bernardo Sayão, mas os belenenses a ela se referem como Estrada Nova, hoje "velha". Não há, na nova estrada, uma valeta, mas um imenso canal de "leito caudaloso" cortado de estivas¹⁰ e abrigando sobre seu leito,

¹⁰ Pontes de madeira feitas sobre terreno alagadiço.

inúmeras "baiúcas"¹¹ e moradias que conquistaram terreno às custas da ocupação do espaço público, fato que produz eternos conflitos com o alcaide, quando a Prefeitura, em tempo de chuvas decide limpar o "igarapé artificial". A chuva, ao coincidir com a maré alta, produz a inundação à ribeirada¹² da "estrada", posto que aumenta o volume do canal, e a limpeza do mesmo, quando feita, só pode ser executada a partir da remoção das edificações que pontuam o canal (BELTRÃO, 2001).

A orla que poderia ser um cartão postal, apresenta-se como um mangue, mas não é um mangue que oferece caranguejos; é um mangue sufocado pela desordenada ocupação da margem do rio, em cujo perímetro existem 62 portos pertencentes às estâncias,¹³ às indústrias, aos clubes e a particulares, dentre tantos outros estabelecimentos que ocupam a beira do rio, impedindo os cidadãos de usufruir do lendário rio que banha a cidade. Mas, os entraves não obstruem as brincadeiras, nem a participação dos moradores nas programações de lazer da Prefeitura.¹⁴

É na orla Jurunas/Condor que vamos em busca dos brincantes, pois lá as brincadeiras se multiplicam produzindo animação.

BRINCADEIRAS NA ORLA

Vindos do rio¹⁵ e das ilhas¹⁶ chegam, diariamente, a Belém trabalhadores que, contraditoriamente, buscam primordialmente, ao migrarem, educação e saúde, mas na cidade encontram terrenos alagados, escolas sem vagas e ausência de serviços de saúde de boa qualidade dentre tantos outros problemas. São migrantes que, talvez, perderam a viagem, mas não jogaram com a água do barco suas crenças, seus saberes de ribeirinhos que continuaram a ser, pois mesmo morando na cidade, voltam ao sítio para pescar e buscar farinha dentre muitos laços que os mantêm reféns da "ribeira"¹⁷ e prisioneiros da capital. Entre o rio - Guamá e a cidade - Belém - há gente que guarda um tesouro denominado experiência/tradição, fundamentada na prática do fazer, tão desprezada na cidade capital.

11 Pequenos estabelecimentos comerciais, em geral espaços "furtados" à área de convivência ao grupo doméstico e/ou ao espaço público e improvisados para comercializar o açaí. A denominação não se restringe aos pontos de venda de açaí, estende-se a todo e qualquer ponto comercial cujas instalações pareçam provisórias ou em cujo interior se pratique atividades consideradas suspeitas, pouco lícitas.

12 Corrente impetuosa de ribeira, grande porção de líquido que arrasta tudo que encontra pelo caminho.

13 Estabelecimentos comerciais que vendem madeira beneficiada e materiais de construção.

14 Para melhor conhecer as políticas públicas de lazer em Belém, consultar Matos (2001).

15 No caso de migrantes, o rio se confunde com o estuário do Amazonas, onde inúmeros são os rios, as baías, os igarapés e os furos. Quanto ao fluxo diário, grande parte dos que chegam, procedem do outro lado da baía de Guajará e da outra margem do Guamá, já que ambos banham a cidade de Belém.

16 Localizadas em frente a Belém, entre as mais citadas pelos passageiros que aportam na cidade estão as ilhas das Onças, do Combu e as ilhas que constituem o município do Acará.

17 Margem de um rio onde havia/há estaleiros para construção/repares de embarcações que sobem e descem os rios da Amazônia.

Entre os moradores da orla Jurunas/Condor destacam-se os migrantes que se deslocaram à metrópole. Entrevistamos, através de formulários, 289 moradores, dos 109.448 habitantes dos dois bairros,¹⁸ dos quais 98 entrevistados vieram de localidades ribeirinhas e 39 procedentes de localidades não-ribeirinhas, totalizando 137 pessoas; os nascidos em Belém somam 152, mas possuem 369 ascendentes (pais, avós, tios) nascidos no interior, portanto quem não é migrante, provavelmente é descendente de migrante que se deslocou para Belém, nas décadas de 40, 50, 60, 70 e 80.¹⁹

Preocupada em compreender como se brinca em situação, aparentemente, tão adversa, privilegiamos o inventário de dados relativos às atividades realizadas, espaços ocupados dias da semana e meses do ano eleitos pelos moradores da orla para as suas brincadeiras. Em meio às dificuldades dos bairros e da cidade, às vezes hostil aos migrantes (estabelecidos, recém-chegados ou de passagem), buscando identificar como, onde e quando os migrantes, hoje moradores de Belém, se entretêm.

Nas localidades de origem dos moradores da orla e, mesmo, na orla é costume ver os mais experientes conversando à noitinha, contando histórias ou "causos".²⁰ O "contar histórias" consta do repertório popular como forma de repassar informações, costumes e tradições. O momento de atuação do contador de histórias converte-se em reunião prazerosa. Os mais moços à volta do narrador escutando e aprendendo. Entre as histórias mais ouvidas, na Amazônia, destaca-se a corrida do jabuti com o veado.

Um jabuti apostou com um veado a ver quem corria mais. Marcado o dia, o jabuti empregou o seguinte meio para vencer: Reuniu muitos jabutis e os foi colocar pelo mato, beirando o campo designado para o lugar da corrida. Chegado o veado, somente viu o jabuti, com quem tinha feito a aposta: - Então, está pronto Jabuti - Pronto, disse ele, mas você há de correr pelo caminho e eu por dentro do mato, que é por onde sei correr. O veado aceitou, e colocados, um na beira do mato e outro no campo, partiram ao sinal dado. O veado correu a toda força e o jabuti deixou-se ficar. O veado no meio da carreira gritou pelo jabuti para saber onde estava. A resposta foi-lhe dada um pouco adiante por um dos jabutis colocados de vedeta no mato. O veado redobrou os esforços e de vez em

18 Dos quais 66.823 são habitantes no Jurunas e 42.666 habitantes da Condor, segundo informações constantes da Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão/Prefeitura Municipal de Belém (1999).

19 O instrumento de pesquisa utilizado não interrogava o informante apenas sobre as brincadeiras. Através do formulário, procurava-se compreender quem são os moradores do bairro onde trabalham e em que contexto cultural se inserem. Além dos formulários, 30 entrevistas-em-profundidade foram realizadas, afora a observação direta e participante. O trabalho é realizado pelo Grupo de Pesquisa Cidade, Aldeia e Patrimônio, Diretório de Pesquisa do CNPq 5.0.

20 Acontecimentos inusitados que se transformam em narrativas deveras apreciadas.

quando gritava pelo seu competidor e tinha a resposta sempre adiante. Afinal o veado caiu morto de cansaço e o jabuti ficou vencedor. (Pimentel apud HARTT, 1952. p.15)

Não cheguei a presenciar nenhuma narrativa do gênero na orla Jurunas/Condor, mas quando menina escutei e assisti contadoras de histórias encenando a corrida. O momento é extremamente divertido, porque o narrador assume o papel de animais, de acordo com o bicho falante, a voz assume tons diferentes, os gestos e trejeitos do personagem é incorporado pela narradora,²¹ os parceiros, com a encenação, se transformam em platéia e participam animadamente do colóquio. É um momento compartilhado por todos, as vezes transforma-se num desafio entre contadores de histórias. Nas áreas ribeirinhas em noite de luar, as rodas se reproduzem e varam a noite. Na Belém dos anos 50 e até 60 era comum ver as pessoas se divertindo com os narradores, em grandes rodas noturnas. Cedo se admitia crianças, mas depois das sete da noite a roda era dos adultos. A roda era animada e nos fins de semana sempre havia "comes e bebes", pois as vizinhas traziam agrados de comer à roda.

Considero a história do jabuti com o veado exemplar, pois refere normas, ainda hoje, utilizadas inclusive divulgada via adágios²² populares, do tipo "quem não é o maior, tem que ser o melhor" usado em situações de competição, quando o ambiente é desfavorável a quem aparentemente "não têm jeito (presença) de vencedor." No caso dos entrevistados, a referência cai como luva, pois são migrantes que vivem em situação adversa. A cidade lhes nega educação, saúde, condições de moradia, mas não consegue matar a tradição oral que guardam consigo. O uso do dito nas situações de brincadeira é constante. Sobretudo quando contrapõem as "vantagens" de morar na orla Jurunas/Condor em oposição à cidade. Diz Maria,²³ "... preferimos ficar nas redondezas por ser mais seguro e próximo de casa", ao coro, juntam-se Nazaré que aponta a vantagem de freqüentar ambientes "sem brigas"; e Belém que afirma ser a cidade um lugar perigoso. Portanto, se deixar ficar no bairro é sinônimo de distração, acompanhada de segurança.

Nos bairros, leia-se na orla, o tempo para brincar é a noite e os finais de semana. Relacionam como brincadeiras: conversar com parentes, vizinhos e amigos, fato observado durante o trabalho de campo. As pessoas se reúnem às portas das

21 Em geral as contadoras de histórias são pessoas do sexo feminino. Entre os homens também existem narradores, mas estes narram, melhor e com grande entusiasmo os "causos", talvez porque as primeiras dominam a casa, o espaço doméstico e os segundos se assenhoriam sempre dos espaços públicos. A platéia das mulheres comporta crianças, a dos homens parece ser restrita aos adultos, até porque um bom contador de "causos" não dispensa pilhérias, mas há exceções.

22 Máximas, ditados, rifões, bordões, "... as mais aprovadas sentenças que a experiência achou nas ações humanas, ditas em breves e elegantes palavras", como ensina Cascudo (2000) no *Verbetes Adágio* (2000).

23 Os nomes atribuídos aos brincantes é fictício para resguardar a identidade do informante.

casas, pelos cantos (esquinas), à entrada das casas de show, no "sereno da festa";²⁴ dos campinhos de várzea para jogar uma pelada (partida de futebol); nas escolas de samba, especialmente, no Rancho Carnavalesco Não Posso me Amofiná. A quadra do Rancho é o orgulho dos jurunenses. Funciona o ano inteiro, trabalhando de carnaval a festas juninas. Sendo uma das escolas tradicionais da cidade, todas as noites há alguém no Rancho: jogando dominó, cantando, dançando, ensaiando coreografias, confeccionando indumentárias ou, simplesmente, "jogando conversa fora" ou, ainda "enchendo a cara".²⁵ Na expressão nativa, o Jurunas "ferve" sobretudo à noite, quando o vai e vem dos brincantes se faz de forma intensa. Na área, qualquer novena na "Santa Terezinha"²⁶ ou no "São Judas Tadeu"²⁷ é motivo de festa.

Mas nem só as festas são referidas como brincadeiras. Há quem informe, como atividade do final de semana: rezar, evangelizar e trabalhar. E, para surpresa de muitos, eles acreditam que se divertem enquanto realizam as atividades. Informam que vão à Igreja, da mesma forma que outros vão ao ensaio do Rancho. Josefa afirma, com tranquilidade, vai a "... eventos religiosos, porque não tem briga, nem fumaça."²⁸ Talvez, pelo fato de serem migrantes ou descendentes de migrantes, prezam o convívio em ambientes pacatos, ou a violência urbana produz o cerceamento de seus passos. A visão de Josefa relativiza as imagens produzidas por Maria, Nazaré e Belém, pois admitem as explosões de alegria e a existência de briga e fumaça, afinal, os brincantes ocupam espaços apontados como violentos e, ao brincarem, transgridem normas socialmente aceitas. Os distúrbios, temidos por todos, realmente acontecem.

Em lugares, onde há briga e fumaça, alguns também se divertem, enquanto outros trabalham, especialmente nos bares e nos prostíbulos existentes na orla. Mas, esta brincadeira repudiada por algumas de nossas entrevistadas, só aparece no depoimento das prostitutas e seus clientes que, diuturnamente, são encontrados no Buraco e no Céu,²⁹ pois não são brincadeiras sancionadas pelos informantes de maneira explícita, apesar de todos conhecerem. Ao serem instados a falar dos lugares, os moradores referem estes pontos da orla como perigosos.

24 Chama-se sereno da festa o grupo de pessoas que acompanha a entrada dos brincantes. A turma do sereno se diverte comentando os que chegam e apostam no sucesso ou fracasso do evento, as vezes se deixam ficar por lá até a liberação da entrada, quando então também podem participar da brincadeira.

25 As frases e expressões entre aspas foram usadas pelos informantes. Algumas delas, que aos ouvidos de forasteiro, soam depreciativas foram ditas entre risos.

26 Sobre as formas de sociabilidade, a partir da Igreja, consultar Souza (2002).

27 Denominações das paróquias do Jurunas e da Condor, respectivamente.

28 Referência ao consumo de drogas.

29 O Buraco e o Céu são dois locais de prostituição, muito frequentados na orla estudada. Para conhecer melhor a movimentação no local, consultar Saraiva (2002).

ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO E FARRA!

Assim como há moradores que prezam as brincadeiras suaves, outros fervem na noite, se espalhando na fumaça. Em seus depoimentos referem como descritores de ação os verbos: tomar, beber, jogar, arruar, arrepia, arruaçar, ir (para rua e para festas). As festas de José, Tadeu e Jorge, por exemplo, ocorrem em bares e clubes noturnos, alguns dos quais são considerados "lugares da pesada", onde tudo pode ocorrer. Outros, como: João, Elza e Domingos indicam que vão dançar e apontam as rodas de samba e de pagode que ocorrem rotineiramente no Jurunas e na Condor. Estas ocasiões parecem estar associadas tanto no primeiro, como no segundo caso a momentos especiais, quando a interrupção da rotina e mesmo do trabalho é visceral. Bebem e consomem o salário e até os poucos bens que amealharam, pois saem de casa com a melhor roupa ou com pequenos objetos de valor que não voltam com o "farrista". Os momentos estão associados ao desperdício e parecem ocorrer com muita frequência, pelo menos se queixam as mulheres, indignadas com os gastos e a falta de dinheiro para pagar as contas de água, luz e gás. Apesar da pressão exercida pelo mundo do trabalho e pela família disciplinada, há uma teimosa resistência dos moradores, especialmente por parte dos homens adultos e dos jovens rapazes que rejeitam amarras e programações demasiadamente estruturadas.³⁰ As mulheres jovens, vez por outra, confessam a participação em noitadas extremamente agitadas, mas dada a censura, guardam as histórias a sete chaves para evitar falatórios e estigma.³¹

Pensando em Lafargue (1999), a farra parece ser a última fronteira. Os moradores parecem ultrapassá-la, na tentativa de prover desbragadamente suas necessidades de diversão, rompendo as cadeias e exercitando a preguiça, nesse caso traduzida por intensa agitação e prática de pecados capitais contra seus grilhões. A imagem parece exagerada, mas o combate à "religião do trabalho" significa insurgir-se contra o cotidiano repetitivo, marcado pela ausência de dinheiro.

Mas, nem todo brincar é farra desmedida. Brinca-se e farreia-se sem perder o tom, mesmo estando em festa, pois Mariano e Lúcia falam em dançar quando tem dinheiro, por isso, não saem amiúde, só em ocasiões especiais, ao final do mês. Para eles o fogo e a fumaça estão associados ao prazer de brincar e não à transgressão.

Há, também, os que observam luto pela morte de parentes e ficam recolhidos sem participar de festa alguma. Outros vão à festa, que vira farra gostosa, em casa de amigos, onde o controle do álcool e das drogas é mais eficaz. É o caso de Joseney e Carmem. Ao serem inquiridos referem aniversários e casamentos, como as festas de suas predileções. Romana e Cláudio informam que freqüentam

30 Para uma aprofundada discussão sobre costume e cultura, consultar Thompson (1998).

31 O comportamento desmedido das mulheres não é encontrado, apenas na orla Jurunas/Condor. No Guamá bairro contíguo a Condor a situação se repete. É possível, que o comportamento farrista das meninas se repita em outros bairros. Sobre o Guamá consultar Quintela (2002).

festas escolares e evangélicas.

Aliás, é nas escolas que se pode observar as brincadeiras que antes se faziam nas calçadas e até nas ruas. Crianças (meninos e meninas) até a faixa dos sete anos brincando roda e utilizando as cantigas tradicionais. A partir dos oito, nove anos encontramos a meninada a jogar "cemitério" (queimada) ou a praticar algumas modalidades esportivas, mais popularizadas como: futebol, voleibol e basquete. Nem sempre há quadras de esporte nas escolas, mas os estudantes transformam qualquer espaço colocando traves, redes e cestas improvisadas para brincar. Nos pátios internos e nos arredores das escolas é possível ver os adolescentes conversando animadamente em grupos. Mas, nem tudo é festa, muitas vezes a rotina da escola não é quebrada pelas brincadeiras, mas pelos distúrbios provocados pelas disputas de gangues rivais, causando sérios transtornos.

Entre os eventos de calendário os informantes dão grande ênfase ao carnaval, inclusive às micaretas, às festas juninas, ao Círio de Nazaré, ao Natal e ao Ano Novo. Diana, Vera e Carlos informaram detalhadamente que freqüentam e brincam nas festas de santo (S. Sebastião, N. Sr^a Santana, N. Sr^a do Carmo, S. Benedito, N. Sr^a da Conceição) e por ocasião da iluminação (dia de finados) quando voltam ao interior para saldar os padroeiros e para reverenciar os mortos. Soa estranho brincar no finados, mas a explicação foi dada por Nilza "olhe dona, mesmo na iluminação que é triste, a gente brinca, pois todos os irmãos, os parentes tudinho estão por lá." Algumas festas de padroeiros são replicadas na capital e ganham muitos adeptos.

O movimento em busca das festas dos padroeiros possui duas mãos: a que vai em busca do rincão natal e a que vem em direção à capital. A primeira leva os que aqui estão estabelecidos de volta ao "sítio". A segunda traz os parentes que ficaram no sítio para o Círio de Nazaré, a festa maior dos paraenses.³² A Virgem de Nazaré homenageada, no segundo domingo de outubro atrai inúmeros romeiros, os portos ficam abarrotados de passageiros e carga. As casas da orla ficam apinhadas de gente, pois os parentes não utilizam hotel; hospedam-se em casas de familiares. A convivência com os parentes e as encomendas trazidas pelos romeiros fazem as festas em família. Os dias que precedem e sucedem a festa são plenos de brincadeiras, grande parte delas consiste em repassar histórias, transformando uns em narradores e, os demais, em platéia. Nessa ocasião muitas corridas do jabuti com o veado podem ser ouvidas.

Durante o mês de outubro é costumeiro ver os pequenos aparelhos de som tocando e as pessoas dançando na rua, como em geral fazem aos domingos. Os moradores atravessam a Estrada Nova e do lado do rio, se divertem dançando em frente às casas. Colocam cadeiras, mesas e até guarda sol de praia e lá se deixam ficar dançando e "tomando uma gelada". Não raramente, acendem fogo e assam frango, carne ou peixe para comer acompanhado de açaí e farinha d'água.

³² Sobre o assunto, consultar Alves (1980).

Como o movimento de veículos é menor aos domingos, por vezes, os moradores ocupam o leito da rua e os motoristas procuram desviar dos festeiros. Durante o trabalho de campo, ao surpreender a festa, também eu parava para observar e, muitas vezes, me rendia à preguiça.

ALÉM DA ORLA: A PRAIA, A PRAÇA, O SHOPPING...

Nos finais de semana prolongados ou durante os meses mais quentes e ensolarados (julho, agosto e setembro) os moradores costumam brincar mais longe, nas praias de Icoaraci e Mosqueiro (distritos de Belém), Marudá e Salinas (municípios mais distantes), ou ainda, balneários, rios e igarapés próximos à Belém. Rumam aos locais de diversão em transporte coletivo ou em ônibus, especialmente, fretados por associações de moradores ou vizinhos festeiros. Os municípios vizinhos à Belém fizeram investimentos à beira de rios, igarapés e praias, onde em geral há um grande assoalho de madeira coberto para abrigar batuqueiros e dançarinos, além de bares e barracas vendendo bebidas e guloseimas. Alguns brincantes financiam o próprio deslocamento vendendo refrigerantes, cerveja e/ou tira-gosto, contraditoriamente, pensariam alguns, trabalham em meio à folia, mas estes trabalhadores de ocasião, consideram que se divertem, o importante diz Manoela "é brincar, mesmo com pouca grana."

Na viagem são improvisadas batucadas com direito à bebida e a algazarra. Considerando a distância e os poucos recursos, os brincantes levam de casa seu farnel, ao qual não falta farofa e frango assado. Saem cedo e voltam arrasados ao final da tarde. Os grupos são ruidosos saindo ou chegando. Por onde passam fazem pilhérias e não raras vezes, há brigas por conta da pressão alcoólica, sempre contornadas pelos organizadores das caravanas, afinal todos se conhecem.

Para integrar uma caravana, os moradores apontam preferências. Procuram conhecer os organizadores e vão em busca de informações sobre os eventos passados, buscam integrar os grupos aonde todos se conheçam. Não foram poucos os informantes que declararam não sair de casa com desconhecidos, daí o controle dos integrantes. Vez por outra, os informantes contavam incidentes acontecidos pela inclusão de pessoas de "outros bairros", desconhecidas dos organizadores.

Na orla Jurunas/Condor a obstrução do rio é fato. A única janela para o rio é chamada, por ironia do destino, de praça Princesa Isabel que, como no passado não libertou os escravos, no presente não liberta o cidadão para ver, olhar e "curtir" o rio tão presente em suas vidas. Mas, o logradouro, permite às crianças pescar piabas e caras ou banhar-se no rio em animada farra. À noite a praça ganha ares de boemia e o "Palácio dos Bares"³³, local famoso na cidade, onde foram rodadas cenas de filmes nacionais, abre às portas para festas que varam a noite, pois é um dos pontos abertos todos os dias da semana.

³³ Lá foram rodadas as cenas de incêndio que têm em Bye, Bye Brasil filme de Cacá Diegues.

Longe da orla, os moradores deslocam-se a outros logradouros da cidade. Entre os mencionados estão a praça Batista Campos, localizada no bairro homônimo vizinho ao Jurunas; a praça da República, no centro de Belém, que aos domingos abriga feira de artesanato e programações de lazer organizadas pela Prefeitura, ambas frequentadas pela manhã. Outra praça, a Waldemar Henrique, que possui grande variedade de espaços, também, é apontada pelos informantes como local agradável. É usada mais à tardinha, pois não é arborizada, como as duas anteriormente citadas. Mas, é o shopping localizado em Batista Campos que detém a preferência dos jovens moças e rapazes que se dirigem ao local, em geral ao final da tarde, em animados grupos e lá perambulam por corredores e lojas, até sentarem à mesa na praça de alimentação em animados papos que duram horas. Diariamente, os jovens podem ser vistos, como diz Luiza "ficamos soado, azarando com os amigos" ou, como informa Joana, "quando tem algum (dinheiro) tomamos refri (refrigerante) e comemos sanduba (sanduiche)", enquanto os meninos jogam no fliperama (estabelecimento de jogos eletrônicos). As brincadeiras e o consumo aos quais os jovens classe média têm acesso, são vedadas aos jovens da orla, pois exigem ter dinheiro. A ida e a volta do shopping é um momento de alegria, pois os amigos caminham juntos e vão repassando os acontecimentos. Os namorados se atrasam em relação ao grupo maior para aproveitar os momentos de folga da vigilância do grupo. Muitos casais só têm permissão para sair de casa, em companhia de outros amigos, especialmente, quando os pais não aprovam os relacionamentos. As oportunidades são aproveitadas a medida que surgem. A saída torna-se uma aventura e os personagens nem sempre refletem sobre as conseqüências da brincadeira. Especialmente, quando os grupos rivais se desentendem e se enfrentam.

Poucos informantes referiram idas a cinemas, teatros, circos e feiras culturais. Os moradores que referem os locais como espaços para brincadeiras, sublinham a necessidade de ter dinheiro para comprar ingressos, mas quando a programação é oferecida à população pelas instituições públicas os moradores se fazem presentes. O fato informa como as brincadeiras estão arraigadas às realidades materiais de vida e trabalho, onde brincar significa usufruir os prazeres que possam inventar, pois dificilmente têm acesso ao lazer que cada vez mais transforma-se em mercadoria de difícil obtenção (MARCELLINO, 2001).

A prática da brincadeira possui, para os moradores, força de política de lazer que não está inscrita nos cânones das secretarias que disciplinam o tema na cidade. Brincadeira é, antes de tudo, sinalização de vida, indicando o equilíbrio das relações sociais estabelecidas entre ambiente de trabalho e resistência ao trabalho, passando do entreter à farra, ganhando conotações diversas, de acordo com os brincantes, a faixa etária dos participantes e a ocasião do evento.

Ao tratar da brincadeira, do ponto de vista dos moradores da orla Jurunas/Condor, e da multiplicidade de formas de brincar procurei iluminar a relação cultura/lazer, cuja complexidade fica evidente quando tomamos um referencial empírico.

REFERÊNCIAS

- ADÁGIO. In: CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2000. p.7-8.
- ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa (idéias afins)**. Brasília: Coordenada/Thesaurus, 1983.
- BELTRÃO, Jane Felipe. Conhecer, saber, fazer: ações em favor da saúde na orla Ribeirinha Jurunas/Condor. In: ACEVEDO-MARIN, Rosa Elizabeth; et all. (Org.) **1 Jornada História e Cidade - Anais**. Belém: NAEA/UFPA, 2001. p.32-33.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Huicitec/Unesp, 1999. p.9-56.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. **Sociologia empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- HARTT, Charles Frederik. **Os mitos amazônicos da tartaruga**. (Tradução e notas de Luís Câmara Cascudo), Recife: Secretaria do Interior e Justiça/Arquivo Público Estadual, 1952.
- LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Huicitec/Unesp, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional, 1970.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Políticas de Lazer - mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: MARCELLINO, N. C. (Org.) **Lazer e Esporte - políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.5-29.
- MASTOP-LIMA, Luiza de Nazaré. **O tempo antigo entre os Suruí/Aikewára: um estudo sobre mito e identidade étnica**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

MATOS, Lucília da Silva. Belém: do direito ao lazer ao direito à cidade. In: Maecellino, Nelson Carvalho (org.) **Lazer e Esporte - políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.117-139.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os Apinayé. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Tomo XII, Belém, INPA/MPEG, 1956.

QUINTELA, Rosângela da Silva. **Desabrochando no Jardim Secreto: um estudo sobre o imaginário do corpo, gênero e sexualidade, entre adolescentes, em Belém**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

RICARDO, Carlos Alberto (ed.). **Povos Indígenas do Brasil, 1996-2000**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE OF GREAT BRITAIN AND IRELAND. **Guia Prático de Antropologia**. São Paulo, Cultrix, 1971.

SARAIVA, Luis Junior da Costa. **Lúcia, Maria, Carmem: mulheres em trânsito**. 2002 Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2002..

SEGEP/PMB. **Anuário Estatístico do Município de Belém**. Belém, Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão/Prefeitura Municipal de Belém, 1999. v.5.

SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Angela. **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

SOUZA, César Augusto Martins de. **Quando a "Santa Teresinha" é o ponto de encontro: sociabilidade, amor e família na paróquia do Jurunas, Belém - Pará**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ABSTRACT: Analysis of the multiplicity of play forms in the City of Belém as the exercise to understand the notions of play and leisure from an anthropological view. Discussion of the category play as a native concept full of meanings in comparison

to that of leisure in its academic notion which guides public policy dedicated to the production of entertainment. Presentation of empirical situations and references found in the anthropological bibliography taking the Amazon region as locus. Play and leisure are perceived as mankind's doing, culture understood in its ample sense, as life experience in historically construed time and space.

KEY WORDS: play, entertainment, amusement, leisure, culture

Endereço da autora

Jane Felipe Beltrão

Av. Conselheiro Furado, 3434 apt. 203A

Bairro do Guamá - Belém - PA

CEP.: 66073-160

Endereço eletrônico: jane@ufpa.br

Recebido em: 13/ 01/2003

Aceito em: 20/ 06/2003